

27 SET 1993

Procuram-se responsáveis

“Este país não precisa de uma Estátua da Liberdade, como a que existe na América do Norte, mas, sim, de uma Estátua da Responsabilidade.”

Viktor Frankl

Esta frase foi pronunciada por um dos maiores psiquiatras de todos os tempos ao deixar o Brasil, alguns anos atrás, após curta visita, quando admirava o Cristo Redentor, ao fundo da Baía da Guanabara. Frankl, criador da Logoterapia, concebeu toda a

sua corrente de pensamento psiquiátrico sobre a importância de um significado para a vida, o valor da vida e da dimensão espiritual da existência humana, enquanto prisioneiro dos campos de concentração e desumanização de Auschwitz e Dachau, iniciando uma corrente de humanização da Medicina e da Psiquiatria e recomendando que todo homem deve procurar justificar sua vida pela busca de um sentido ou força motivacional para sua existência, a fim de evitar doenças mentais ou problemas existenciais.

Em 20 de agosto, publicamos nesta mesma página um artigo intitulado *Somos todos assassinos*, no qual procuramos analisar crua e diretamente o problema atual da saúde e do atendimento médico no Brasil.

Sentimo-nos gratificados pelas manifestações de apoio e solidariedade através da volumosa correspondência recebida. Concordamos

que as revelações foram contundentes, mas creio que teremos de repeti-las, pois muitos não escutam ainda! Recebemos várias manifestações de setores religiosos, médicos, hospitalares e leigos da sociedade brasileira, mas nenhuma dos setores que concitamos à nobre causa de valorizar a vida dos

que padecem em nossos hospitais: nem uma manifestação sequer da classe política, jurídica, dos Ministérios Públicos e da OAB, os setores mais importantes e responsáveis pela ordem das coisas neste país. Muitos se disseram como-

vidos com as revelações que fizemos neste jornal; pessoas de idade avançada e sacerdotes nos escreveram comovidos pelas verdades duras, menos aqueles a quem elas foram dirigidas. Senhores fautores da política e da Justiça, nunca o vosso silêncio foi tão eloquente! Nosso sistema de saúde continua o mesmo desde aquele desabafo. Nada foi feito. Nossos irmãos de carne continuam morrendo aos milhares, diariamente, na rua e nos corredores e macas de nossos hospitais desparelhados e desguarnecidos, fazendo-nos pensar que o brasileiro é um povo hipocritamente sentimental, afligindo-se somente quando a desgraça atinge sua própria pele, não se preocupando quando o infortúnio afeta o vizinho ao lado ou um desconhecido, exatamente o oposto do que prega o cristianismo. Poderemos concluir daí que o valor da vida anda realmente mui-

to baixo neste país? É possível imaginar que nos encontramos economicamente num estado tão deplorável de miséria e de penúria que os nossos governantes não conseguem poupar alguns dólares sequer para salvar vidas, deixando-nos morrer à míngua, sem atendimento, enquanto nossos hospitais mais importantes vão fechando suas portas às consultas, às cirurgias e até mesmo às urgências desesperadoras, deixando-nos morrer como ovelhas, sem reação, qual vítimas passivas do lobo das doenças?

Há poucos dias, tivemos a inusitada experiência de presenciar, pessoalmente, em visita ao velho Hospital Matarazzo, localizado num dos pontos mais estratégicos da região da Avenida Paulista, onde milhares de vidas já foram salvas nas últimas décadas, espetáculo estarrecedor. Naquele antigo nosocômio, antes motivo de orgulho da colônia italiana e hoje vergonha de nossa maior colônia — uma das únicas que não conseguiu ainda ter seu próprio hospital —, vimos a sala de seu administrador, um dedicado ancião de quase 80 anos de idade, ser invadida por uma turbamulta de funcionários maltrapilhos e mal nutridos, em greve, dirigidos por um grupo de indivíduos impecável e elegantemente vestidos e vociferantes, que, em meio a palavrões e despautérios, reivindicavam. Tememos que o ancião, que havia abandonado suas empresas no intuito de servir gratuitamente àquela comunidade, fosse sofrer um ataque cardíaco, frente aos ataques que recebia em nome de um conselho administrativo. Fechou-se aquele tradicional hospital

no dia seguinte. Centenas de pacientes foram, em consequência, condenados à falta de assistência. Mais um hospital que cerra suas portas, sobrecarregando agora outros hospitais que fingem ainda manter seus portões abertos, enquanto dentro deles reina a maior indigência! Será possível que grupos organizados tenham a inconsciente intenção de se aproveitar do estado da crise da saúde para tirar proveito da situação dos que morrem, para desprestigiar um governo já tão comprometido com a saúde de um povo? É difícil acreditar. Porém, tudo é possível. Quem se responsabilizará agora em reabrir aquele tradicional hospital, que tantos serviços já prestou à comunidade? A colônia italiana? O governo do Estado? É difícil saber. Melhor aguardarmos os fatos...

Tentamos organizar todos esses fatos em nossa cabeça, procurando um responsável ou responsáveis. Seria algum dos bodes expiatórios da moda, algum refugiado das Alagoas? Seria algum dos inconfitáveis ministros deste famigerado governo, os secretários de Estado, algum prefeito, os senhores senadores? Não conseguimos, esta é a verdade, encontrar os responsáveis, mas os fatos aí estão, e as fatalidades se sucedem.

Escutem-nos, por favor, os que tiverem ouvidos. Os que se prepararam para morrer pedem socorro. Um “pronto” socorro!

■ Raul Marino Jr., professor titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP, é presidente da Academia de Medicina de São Paulo

**Os que se
preparam
para morrer
pedem
um “pronto”
socorro!**